

O MONISMO ABSOLUTO DE SPINOZA

Viviane Silveira Machado*

RESUMO: O presente artigo objetiva explicitar o Monismo absoluto em Benedictus de Spinoza (1632-1677). Será feita uma análise sucinta das obras *Ética*, Partes I e II, intituladas de *Deus* e *A natureza e origem da mente* e do *Tratado Teológico-Político*, capítulo XV, dentre outras obras do autor e comentadores. Para Spinoza, Deus é uma *substância* de infinitos atributos e única em seu gênero, que produz e exprime uma essência eterna e infinita. Conclui-se com este estudo que as ideias do filósofo sobre servidão e superstição também ocasionaram grande reviravolta na história do pensamento filosófico/teológico dogmático e político de sua época. Sua filosofia é imprescindível para os dias atuais.

Palavras-chave: Deus. Filosofia. Monismo. Spinoza. Substância.

MONISME ABSOLU DE SPINOZA

RÉSUMÉ: Cet article vise à expliquer le monisme absolu chez Benedictus de Spinoza (1632-1677). Une analyse succincte des ouvrages *Ethique*, Parties I et II, intitulées *Dieu* et *La nature et l'origine de l'esprit* et le *Traité théologico-politique*, chapitre XV, sera faite, entre autres ouvrages de l'auteur et des commentateurs. Pour Spinoza, Dieu est une substance aux attributs infinis et unique en son genre, qui produit et exprime une essence éternelle et infinie. On conclut avec cette étude que les idées du philosophe sur la servitude et la superstition ont également provoqué un grand revirement dans l'histoire de la pensée philosophique / théologique dogmatique et politique de son temps. Sa philosophie est essentielle pour aujourd'hui.

Mots-clés: Dieu. Philosophie. Monisme. Spinoza. Substance.

1. INTRODUÇÃO

O filósofo holandês Benedictus de Spinoza apresenta-nos ideias filosóficas preciosas. Segundo a pensadora Marilena Chauí, a filosofia de Spinoza é detentora de um racionalismo absoluto. Ora seu pensamento detém a marca da clareza e distinção como pressupostos imprescindíveis à razão. Ora, as riquezas presentes em seus

* Graduanda em Filosofia licenciatura plena pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. Membro do GT Benedictus de Spinoza – UECE; Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Estadual do Ceará. IC-UECE; Professora voluntária do Coletivo Transpassando do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Com interesse no estudo de Filosofia voltado para a ética, política e educação. E-mail: vivianemachado10@gmail.com.

manuscritos revolucionaram o pensamento filosófico do século XVII⁹. Entretanto, sua filosofia também trouxe grande incômodo aos teólogos e filósofos dogmáticos de seu tempo. Isso porque, crises religiosas, políticas e econômicas desde os últimos séculos se faziam cada vez mais emergentes sobre a sociedade de sua época. Nosso autor vai de encontro às raízes dessa problemática, ou seja, as disputas por hegemonia religiosa e política que se estendem há séculos e as superstições que causavam medo e dissensões sociais. No presente artigo, explicitaremos de forma breve alguns acontecimentos históricos dos séculos anteriores para que haja uma melhor compreensão sobre a reviravolta filosófica e política que Spinoza trouxe à sociedade seiscentista.

Nossa intenção é também proporcionar ao leitor, além de uma maior reflexão sobre o que Spinoza demonstra sobre o monismo absoluto e imanência de Deus em suas obras; proporcionar aos estudiosos de sua filosofia e admiradores um pensamento mais reflexivo sobre a filosofia spinozista. O pensador nos deixa um convite ao esforço pelo pensamento virtuoso em sua obra magna *Ethica Ordine geometrico demonstrata*¹⁰. Para tanto, o ser social necessita conhecer os campos históricos com maior profundidade além dos conceitos e especificidades que propõe as ideias do autor. Ora, essa forma de conhecimento abre caminhos não só para questioná-los, mas também para compreendê-los e transformá-los. Ou seja, refletir sobre fatos históricos e filosóficos dos diversos tipos de formações políticas e socioculturais, ajuda-nos a construir possibilidades.

⁹ “Um século trágico, contraditório, confuso e problemático, que manifesta características frequentemente antinômicas (guerras e revoltas quase endêmicas e profundas aspirações à paz; racionalismo e superstição; classicismo e barroco; absolutismo e sociedade burguesa com seus aspectos de individualismo; jusnaturalismo etc.), mas que opera uma série de reviravoltas na história ocidental, as quais mudaram profundamente as identidades, como o Estado Moderno, a nova ciência, a economia capitalista, e ainda: a secularização, a institucionalização da sociedade, a cultura laica e a civilização de boas maneiras.[...]” Cf. CAMBI, F. *História da Pedagogia*, 1999, p.277.

¹⁰ “*Ethica Ordine geometrico demonstrata* é uma ordem discursiva adequada ao seu objeto e requerida necessariamente por ele. Ordem adequada não só porque é a forma exemplar de exposição da autonomia do intelecto como força inata para o verdadeiro, mas também porque exprime sem lacuna a ideia adequada da própria adequação, isto é, de causa *sive ratio*: a substância absolutamente infinita e causa de si e não carece de conceito de outra coisa para ser concebida ; é causa adequada em sentido pleno, infinitude atual ou eterna, auto-suficiente e autodeterminada que põe sua própria inteligibilidade porque é *ratio* de si mesma quanto à essência, à potência e à existência. A substância absolutamente infinita é *philosophice* o que a quantidade infinita é *mathematice*. Ordem necessária não só porque oferece a gênese necessária de seu objeto e porque a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas, mas também porque afirma a *ratio* entre o infinito e o finito, a passagem contínua do primeiro ao segundo e deste àquele, descrevendo a produção real da realidade assegurando que nosso intelecto conhece o mesmo e da mesma maneira que o intelecto infinito de Deus. Por isso é ordem livre: instituindo seus conceitos, é exatamente como seu objeto, ou seja, como ele, ela também não é determinada por nada que lhe seja extrínseco, mas apenas pela necessidade imanente que gera, ordena, conecta e comunica todas as suas ideias. Em suma, ordem imanente.” Cf. CHAUÏ, M. *A Nervura do Real*, 1999, p.733.

É bem verdade, que para cada campo histórico, surge sempre determinada singularidades que podem ocasionar uma continuidade ou ruptura de sua estrutura, a citar, a ausência de documentos ocasionados pelo envelhecimento ou pelos incêndios nas bibliotecas e museus, ou até mesmo pelo esquecimento. Entretanto, sabemos também que o direito à aprendizagem e ao conhecimento assim como à liberdade de pensamento e de religião são direitos inalienáveis pertencentes aos indivíduos em sociedade. Sendo assim, buscamos nos livros registros que possam ser utilizados para uma melhor fundamentação e embasamento para a exposição conceitual do pensamento filosófico de Spinoza. Citando Frédéric Lenoir (2019, p.88), “como vamos ver, o Deus de Spinoza é muito diferente, [...]”.

Primeiramente, é importante ressaltar que a *Igreja Romana*, em especial durante a Idade Média, manteve sua hegemonia religiosa, política, social, econômica e educacional em quase todos os continentes. Mas, sobretudo, no continente europeu¹¹. Com o passar dos séculos, a *Igreja Romana* parece cair em decadência ainda que, se esforçando para manter sua forte influência. Segundo Franco Cambi (1999, p.196):

[...] Com a Modernidade prepara-se o declínio e depois o desaparecimento daquela sociedade de ordens que tinha sido típica justamente da Idade Média e que negava o exercício das liberdades individuais para valorizar, ao contrário, os grandes organismos coletivos (a Igreja ou o Império, mas também a família e a comunidade), favorecendo o bloqueio de qualquer mudança e intercâmbio social. Essa sociedade de ordem era também uma sociedade governada pela autoridade política, religiosas e cultural, representada no grau máximo pelo imperador e pelo papa, que eram os avalistas da ordem social e cultural, como também os interpretes e os símbolos da ordem do cosmos, estabelecida pelo ato divino da criação. Essa sociedade estática, autoritária, tendencialmente imodificável, mesmo nas suas profundas, e constantes, convulsões internas (lutas de classes sociais, de grupos religiosos de ideologias de povos), entra em crise no fim dos anos Quatrocentos (1453), quando a Europa se laiciza economicamente (com a retomada do comércio) e politicamente (com o nascimento dos estados nacionais e sua política de controle sobre toda sociedade), mas também ideologicamente, separando o mundano do religioso e afirmando sua autonomia e centralidade na própria vida do homem,[...].

¹¹ “[...], quando a Europa, que, convém lembrar é uma construção medieval, promovida pela fé cristã e pela ideia do Império se abre para o mundo: com as descobertas geográficas, com seus comércios, seus intentos de colonização, política e religiosa; quando a própria cultura sofre uma dupla e profunda transformação: radica-se no homem e nas cidades, isto é, liga-se à experiência da vida individual e social, independentemente de qualquer hipoteca religiosa (como faz o humanismo, sobretudo italiano), redescobrimo o valor autônomo do pensamento e da arte, ou então dirige para um novo âmbito do saber científico-técnico que tenta interpretar o mundo *iuxta propria principia* e transformá-lo em proveito do homem, como dirão Bacon e Galileu. Cf. CAMBI, F. *História da Pedagogia*, 1999, p.196.

Os declínios de alguns clérigos¹² e monarquias absolutistas tornavam-se cada vez mais inevitáveis por conta dos vários escândalos religiosos dentre os quais, podemos citar, a venda de indulgências e a prática de simonia exercida durante muitos séculos pela *igreja*. Tais acontecimentos abalavam cada vez mais as estruturas do edifício de seu império. A *Igreja Romana* na tentativa de manter sua hegemonia acaba deixando rachaduras em boa parte de sua trajetória. A luta por reformas religiosas a partir de Lutero¹³ e posteriormente por Calvino¹⁴ e Anglicanos gera o surgimento do movimento da Contrarreforma¹⁵ como tentativa de resgatar os valores da *Igreja Romana*. Mas as crises sociais, econômicas e políticas ocasionadas pelas guerras externas e dissensões internas recrudescia a emergência da luz de um novo pensamento teológico, político e filosófico.

O nascimento do Estado Moderno fez crescer o germe das grandes revoluções que marcariam a história do pensamento e desenvolvimento das sociedades nos próximos séculos. Algumas denominações religiosas mencionadas anteriormente ganhariam força buscando como ponto central uma reforma religiosa que retirasse da *Igreja* seu poder hegemônico sobre os povos. Como dito anteriormente, também se abre espaço ao humanismo e ao florescimento do pensamento científico. Entretanto, ainda é um período tenso onde a *Santa Inquisição* faz com que famílias inteiras se convertam ao cristianismo. Do contrário, eram perseguidas, presas e julgadas, ou, obrigadas a abandonar suas terras caso não cedessem as ordens religiosas de Roma.

¹² “[...]. Enquanto a maior parte da população tinha vida simples, o alto clero medieval vivia na riqueza, cercado pelo luxo. Os cargos eclesiásticos podiam ser comprados e representavam poder e renda obtida por meio dos tributos àqueles que os adquiriam. Disso resultava o enorme despreparo de parte dos clérigos, que muitas vezes atuavam na esfera religiosa sem nenhuma instrução. [...]” Cf. BRAICK, P. R. *História: das cavernas ao terceiro milênio*, 2016 p.167.

¹³ “Martinho Lutero (1483-1546), monge agostiniano e doutor em teologia, iniciou a reforma religiosa em territórios que hoje pertencem a Alemanha e na época faziam parte do Sacro Império Romano-Germânico dominado pelo império dos Habsburgo, que tinha forte ligações com a Igreja Católica. Lutero defendia as ideias de Jan Huss (pensador e reformador religioso), principalmente quanto a liberdade de culto e de consciência individual. [...]” Cf. BRAICK, P. R. *História: das cavernas ao terceiro milênio*, 2016, p.168.

¹⁴ João Calvino (1509-1564), “[...]. Do mesmo modo que Lutero, Calvino está convicto de que a salvação do homem reside na palavra divina contida nas Escrituras. Mas, ao contrário do monge alemão, ele insiste na Predestinação dos eleitos, segundo um desígnio imperscrutável de Deus que, em de induzir os homens na inércia, incita-os a procurar nas obras e no mundo o sinal de sua própria eleição. [...]” Cf. CAMBI, F. *História da Pedagogia*, 1999, p.252.

¹⁵ “[...]. Foi o nome dado ao movimento realizado pela Igreja Católica com o objetivo de combater o avanço do protestantismo e disciplinar o clero católico na atividade religiosa. Para isso, a igreja católica tomou um conjunto de medidas, entre elas a reorganização do Tribunal do Santo Ofício, também conhecido como Inquisição. Durante a Idade Média a Inquisição tinha por objetivo combater heresias e seitas contrárias aos dogmas do catolicismo. Muitas mulheres foram queimadas vivas ou enforcadas em cerimônias públicas chamadas “atos de fé”. Cf. BRAICK, P. R. *História: das cavernas ao terceiro milênio*, 2016 p.172.

Vindo de uma família de emigrantes portugueses, Spinoza teve suas raízes religiosas alicerçadas no judaísmo. Além de seus descendentes, muitos judeus também foram perseguidos e precisaram abandonar suas terras para morar em localidades onde a liberdade religiosa pudesse ser praticada com segurança. E isso não foi diferente com alguns descendentes da família de Spinoza que passaram a residir em Amsterdã, localizada nos países baixos da Europa ocidental. Isso porque, era permitido exercer com certa liberdade várias religiões¹⁶. Spinoza nasceu em uma comunidade judaico-portuguesa, seu pai (Miguel) era comerciante. Spinoza recebeu uma educação de acordo com os costumes de sua religião aprendendo conhecimentos em latim e teologia, entretanto, acaba dedicando-se à física e aos estudos da filosofia de Descartes¹⁷. Posteriormente, afastar-se-ia de sua filosofia ao expressar seu pensamento filosófico, religioso e político. Logo, também seria perseguido por sua comunidade religiosa.

2. UMA FILOSOFIA QUE BUSCA O VERDADEIRO CONHECIMENTO

Acusado de heresia aos 24 anos, Spinoza foi excomungado pelo Tribunal da Congregação Judaica. Ao ser deserdado pela Comunidade judaica após o *Herem* foi proibido de manter contato com sua família e os demais de sua comunidade. O pensador holandês empreenderia o ofício de polidor de lentes que aprendera ainda jovem ao passo que se dedicava aos estudos de sua filosofia alicerçada sob os ditames da razão. Posteriormente, sofreria uma tentativa de assassinato por parte daqueles que discordavam de seu pensamento. Em muitas de suas correspondências¹⁸ reunidas por seus amigos após sua morte, foi observado que Spinoza manteve contato com um

¹⁶ “Verificando que só no homem encontramos sinais, ou frutos da religião, não há motivo para duvidar que a semente da religião se encontra também apenas no homem, e consiste em alguma qualidade peculiar, ou pelo menos em algum grau eminente dessa qualidade, que não se encontra nas outras criaturas vivas”. Cf. HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*, 1997. p. 97.

¹⁷ “Renatus Cartesius (1496-1650), nascido em La Have (Touraine) [...]. Considerado o “pai da filosofia moderna” [...] e fundador do “idealismo moderno”. Em todo caso, seu pensamento e sua obra encontram-se em um momento crucial do desenvolvimento da história da filosofia [...]” Cf. MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo I, 2001. p.670.

¹⁸ Para maiores informações em relação às cartas de Spinoza, bem como de seu círculo de amigos consultar a obra *Spinoza: obra completa II: correspondência completa e vida*. Perspectiva, 2014. Para o sistema de citação das cartas/correspondências trocadas por Spinoza publicadas postumamente, utilizamos a seguinte abreviatura: Ep (*Epistolae*), seguida da sua numeração em algarismo arábico. Exemplo: Ep1 para Carta nº1.

círculo de amigos *Collegium Spinozanum*¹⁹ das quais pessoas influentes mantinham importantes discussões, a citar, o menonita e colegiante de Amsterdã Pieter Balling, o matemático holandês Johannes van Waveren Hudde (1628-1704), o diplomata Henry Oldenburg (1619-1677), o médico e erudito Simon de Vries (1633-1667), além de pessoas muito influentes na política, nas universidades, na cultura e também em algumas religiões.

Em sua *Ética*²⁰, que será publicada somente após sua morte, Spinoza também defenderá a necessidade da separação da religião e da política devido à grande influência que esta exercia sobre o povo através das superstições²¹. Já em sua obra anônima *Tratado Teológico-Político*²², o filósofo realiza uma leitura exegética das Escrituras Sagradas. Assim, iniciava-se uma revolucionária e rica reflexão onde o filósofo observaria a influência da *Igreja Romana* sobre a política e a sociedade. Para Spinoza, também era equívoco dos homens pensar que Deus fez todas as coisas em função destes²³. Ora, Spinoza não era contrário às Escrituras Sagradas, mas contrário às superstições como forma de causar medo e servidão. Segundo nosso autor:

[...], quero aqui alertar expressamente (embora isto já tenha sido dito) para a utilidade e, necessidade da Sagrada Escritura ou revelação, que considero enorme. Com efeito, uma vez que não podemos compreender pela luz natural que a simples obediência é uma via para a salvação, e uma vez que só a revelação ensina que isto acontece por uma graça singular de Deus impossível de alcançar pela razão, segue-

¹⁹“ No que se refere ao colégio, ele está instituído da seguinte maneira: um dos membros (em rodízio) lê vosso texto e explica como o entende; após o que, retoma todas as demonstrações, seguindo a ordem das proposições enunciadas por vós. Se acontece de não podermos nos contentar, julgamos que vale a pena anotar a passagem e vos escrever para que vós nos esclareçais, se possível, e que, sob vossa conduta, possamos defender as verdades cristãs contra a superstição religiosa e sustentar o ataque de quem quer que seja”. Cf. Ep8.

²⁰ Para a citação da obra póstuma *Ética* de Spinoza, cuja tradução brasileira foi realizada por Tomaz Tadeu, utilizamos a sigla E (*Ethica ordine geometrico demonstrata*) com as seguintes abreviaturas: Partes (E1, E2, E3, E4, etc.), Prefácio (Pref), Axiomas (Ax), Definição (Def), Proposição (P), Demonstração (D), Escólio (S), Corolários (C), Postulados (Post.), Definição dos Afetos (AD), Apêndice e capítulo (A1), etc. Exemplo de citação: E3P9S para *Ética*, Parte 3, proposição 9, escólio.

²¹“[...] Como consequência, cada homem engendrou, com base em sua própria inclinação, diferentes maneiras de prestar culto a Deus, para que Deus o considere mais que os outros e governe toda a natureza em proveito de seu cego desejo e insaciável cobiça. Esse preconceito transformou-se, assim, em superstição e criou profundas raízes em suas mentes, fazendo com que cada um dedicasse o máximo de esforço para compreender e explicar as causas finais de todas as coisas.” Cf. E1A1.

²² Para citação desta obra utilizaremos as seguintes abreviaturas: TTP *Tractatus Theologico Politicus* - Tratado Teológico-Político. TTP2/1: *Tratado Teológico-Político*, capítulo 2 e parágrafo 1.

²³ [...] Ora, todos os preconceitos que aqui me proponho a expor dependem de um único, a saber, que os homens pressupõem, em geral, que todas as coisas naturais agem, tal como eles próprios, em função de um fim, chegando até mesmo a dar como assentado que o próprio Deus dirige todas as coisas tendo algum fim preciso, pois dizem que Deus fez todas as coisas em função do homem, e fez o homem por sua vez, para que este lhe prestasse culto. Cf. E1A1.

se que a Escritura veio trazer aos mortais um enorme consolo. É que todos sem exceção, podem obedecer e só um número muito reduzido, se o compararmos com a totalidade do gênero humano, adquire o hábito da virtude conduzido apenas pela razão. Assim, não tivéssemos o testemunho da Escritura, seria caso para duvidar da salvação de quase todos²⁴.(TTP15/12).

No *Tratado Teológico-Político*, Spinoza desvela a diferença entre a religião e a superstição; entre a teologia e a filosofia; da importância da liberdade religiosa²⁵; da necessidade de uma república livre e da licitude de cada um pensar o que quiser e dizer o que pensa racionalmente; da distinção entre direito natural e direito civil; sobre o que são os milagres; da liberdade de ensino e de quais os objetivos da filosofia e da fé/teologia, dentre outras questões. Ora, Spinoza era contrário à hegemonia que a *Igreja Romana* exercia em sua época, e, em seus escritos pensou uma política mais justa e menos desigual. Para o pensador holandês, o Estado moderado se mostrava uma das melhores formas de governo. Citando Spinoza, “[...] O mais violento dos Estados é, pois, aquele que nega os indivíduos a liberdade de dizer e de ensinar o que pensam; pelo contrário, aquele onde essa liberdade é concedida a cada um é um Estado moderado”. (TTP20/4).

Mesmo diante de tantas tensões religiosas e políticas que perpassaram a vida do jovem pensador, isso não o impediu por completo de construir uma preciosa filosofia alicerçada a partir do pensamento racionalista. Apesar das influências cartesianas, o pensamento filosófico de Spinoza distanciar-se-ia de seu idealismo moderno. E, embora tendo herdado a clareza e a distinção como marcas da verdade, Spinoza apresenta especificidades próprias para a construção de sua *Ética*. Ora, em muitas das correspondências era possível observar que Spinoza já se empenhava na elaboração de sua obra magna. Entretanto, também escreveu outras obras, a citar, os *Princípios da filosofia cartesiana (PPC)*; *Pensamentos metafísicos (CM)*; *Tratado da emenda do*

²⁴ “ Todo paradoxo da <<salvação dos ignorantes>> no sistema espinosano está resumido nesta passagem: se, por um lado, há razões para considerar a expressão contraditória nos seus próprios termos, por outro, o fato de Espinosa falar a este respeito de uma <<certeza moral>> impede que a rotulemos absurda ou de simples compromisso com os leitores. Sobre o assunto, que está longe de uma solução a salvo de quaisquer reticências vejam-se as páginas de A. Matheron (1969, pp.149-248), que são, por certo, a análise mais penetrante exaustiva que até hoje se lhe dedicou”. (NT). Cf. TTP15/13.

²⁵ “ Em resposta à carta de Albert Burgh Spinoza adverte-o “ que há em toda igreja homens mui dignos de estima, honrando Deus pela justiça e pela caridade; vós os encontrais entre os luteranos, os reformados, os menonitas, [...]. Cf. Ep76.

*intelecto*²⁶ (TIE), (inacabado); *Tratado Teológico-Político*²⁷ (TTP); *Breve Tratado de Deus, do homem e de seu bem-estar*²⁸ (KV) e o *Tratado Político* (TP), (inacabado); também escreveu um *Compêndio de gramática da língua hebraica* (CG) e por fim, sua obra magna *Ethica ordine demonstrata* (E). Foram localizadas também um total de 88 cartas dentre as quais 50 eram suas e as demais de seu círculo de amizades.

3. O MONISMO ABSOLUTO DE SPINOZA

A *Ética* de Spinoza está dividida da seguinte forma: Parte I, *De Deus*; Parte II, *Da natureza e origem da mente*; Parte III, *Da origem e a natureza dos afetos*; Parte IV, *Da servidão humana ou a força dos afetos* e Parte V, *Da potência do intelecto ou liberdade humana*. A fundamentação e explicitação de seus conceitos se dão através de definições, axiomas, proposições, escólios, corolários, etc. Tal estrutura forma uma base imprescindível para esclarecer que seu pensamento filosófico, ontológico e metafísico se constrói a partir de um encandeamento ordenado de ideias claras e distintas. Spinoza compreende Deus como “o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consiste de infinitos atributos, portanto, todos, e não apenas alguns atributos, exprimem a essência eterna e infinita de Deus²⁹”. Ora, para Spinoza, “além de Deus, não pode existir nem ser concebida nenhuma substância”, conforme (E1P14). Segundo Lenoir (2019, p.92), Spinoza entende Deus como uma substância em que “nada existe fora dele”.

Na obra *Breve Tratado*, o filósofo holandês também apresenta cuidadosamente seu pensamento filosófico sobre Deus e sobre o homem que posteriormente, estaria elaborado em ordem geométrica em sua obra magna *Ética*. Para alguns especialistas, a citar Marilena Chauí, o *Breve Tratado* seria uma escrita mais *pedagógica* onde Spinoza apresentaria o início de seu sistema filosófico. Na Parte I, *De Deus e de quanto lhe pertence* do capítulo 1 (*Que Deus existe*), Spinoza demonstrará as provas da existência

²⁶ Para citação da obra TIE *Tractatus de Intellectus Emendatione* - Tratado da Emenda do Intelecto, utilizaremos as seguintes abreviaturas: TIE/7 *Tratado da Emenda do Intelecto*, parágrafo 7.

²⁷ Para citação da obra *Tractatus Theologico Politicus* - Tratado Teológico-Político, utilizaremos as seguintes abreviaturas: TTP2/1 *Tratado Teológico-Político*, capítulo 2 e parágrafo 1.

²⁸ Para citação da obra KV *Korte Verhandeling van God, de Mensch en deszelfs Welstand* - Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar. Utilizaremos as abreviaturas E 1 *Breve Tratado*, Parte II, Capítulo 2 e parágrafo 1 (KVII/2/1) Lema (L), Proposição (P), Postulado (Post), Prefácio (Pref) e Escólio (S).

²⁹ “*Per Deum intelligo ens absolute infinitum, hoc est, substantiam constatem infinitis attributis, quorum unumquodque aeternam et infinitam essentiam exprimit*” Cf. E1Def6.

de Deus *a priori*³⁰ e *a posteriori* e respectivamente, no capítulo II (*o que Deus é*), Spinoza explicitará que Deus é um ser de “infinitos atributos” e que não podem existir duas substâncias iguais³¹. Que “sua existência é essência”. Isso porque, segundo Spinoza, “tudo o que nós clara e distintamente entendemos pertencer a natureza de uma coisa, nós o podemos afirmar também com verdade desta coisa”. (KVI/1/1). Segundo Spinoza, se faz necessário entender um certo encandeamento de ideias sobre os atributos. Conforme cita:

Mas que [ele] o homem entenda esses atributos, isso se depreende com evidência de que ele sabe, por exemplo, que o infinito não pode estar composto de partes diversas limitadas; que não podem existir dois infinitos, mas somente um; e esse infinito é perfeito e imutável, pois é bem sabido que nenhuma coisa busca, por si mesma, sua própria aniquilação; e que tampouco pode se transformar em algo melhor, dado que é perfeito, senão não o seria; ou tampouco que possa estar submetido a algo que proceda do exterior, já que é onipotente, etc. (KVI/1/9).

Dado o exposto, podemos observar que, em sua *Ética*, Spinoza segue esse mesmo encandeamento de ideias. Entretanto, de forma mais detalhada. Ora, Spinoza demonstra na *Ética*, a imanência, potência³² e poder de Deus³³ explicitando que os “atributos infinitos de Deus”³⁴ não podem ser causados por nada exterior a ele, uma vez que Deus é causa de si³⁵, pois sua essência é “eterna” e “imutável”. Entretanto, diferente da *Ética*, a obra *Breve Tratado*, onde foram encontrados dois manuscritos, sendo o principal escrito em holandês e outro em *Latim*. Dedicados para um pequeno círculo de católicos e protestantes que defendiam a tolerância religiosa e a ética, também ao círculo de estudiosos que eram a favor da nova ciência da natureza. Ora, Spinoza explicitará o conceito de *Natura Naturans*³⁶ e de *Natura Naturata*³⁷ que encontraremos posteriormente escrito em sua *Ética*³⁸.

³⁰ “[...]: posto que Deus é causa de si mesmo, é suficiente que o demonstremos por si mesmo, e essa demonstração é mais concisa do que a demonstração a posteriori, a qual não se realiza senão através de causas externa”. Cf. KVI7/12.

³¹ Aqui já podemos observar seu distanciamento da filosofia de Descartes.

³² “A potência de Deus é sua própria essência”. Cf. E1P34.

³³ “Tudo aquilo que concebemos como estando no poder de Deus existe necessariamente”. Cf. E1P35.

³⁴ “[...], são os atributos infinitos que constituem Deus como a substância infinitamente infinita; [...]”. Cf. RIZK, H. *Compreender Spinoza*, 2010, p.47.

³⁵ “[...], a causa sui é uma passagem em ato do infinito ao infinito, ou, para ser mais preciso, do infinito em cada gênero também existe uma distinção real, mas não numérica, entre a extensão e o pensamento, entre cada atributo e todos os outros atributos à infinidade dos atributos infinitos. [...]”. Cf. RIZK, H. *Compreender Spinoza*, 2010, p.47.

³⁶ “Por *Natura Naturans* entendo um ser que concebemos clara e distintamente [...], o qual é Deus”. Cf. KVI/8/1.

Na Definição 6 da Parte 1 da *Ética*, onde cita-se “*ens absolute infinitum*”³⁹. Spinoza está aniquilando qualquer possibilidade de finitude do ente, ou seja, que Deus é a substância absolutamente infinita. Dessa maneira, a substância absolutamente infinita não pode conter ou envolver qualquer negação⁴⁰. Podemos também observar a partir das definições 1 e 3 da Parte 1 da *Ética*, alguns elementos substanciais que explicitam as quiddidades da substância absolutamente infinita, quais sejam, “por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, cuja natureza⁴¹ não pode ser concebida senão como existente”. (E1Def1). Por conseguinte, “diz-se livre a coisa que existe pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir”. (E1Def7). Ora, *substantiam* na qual nada pode ser concebido sem ela.

Spinoza define “por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência”. (E1Def4). Esta definição mostra a definição do *attributum* de uma *substantia*. Ou seja, que o atributo⁴² exprime a essência eterna e infinita de *Deum* porque sem sua essência nada pode ser constituído. Logo, Deus ao exprimir sua essência infinita nos seus atributos infinitos e distintos, exprime a essência de sua natureza que é eterna e infinitamente infinita. Portanto, Deus existe necessariamente por ser uma substância de infinitos atributos. Logo, Deus “existe

³⁷ “ No que toca agora à *Natura Naturata* universal, ou aos modos ou criaturas que dependem imediatamente de Deus, ou são criados imediatamente por Ele, não conhecemos mais do que dois deles, a saber, o movimento da matéria e o intelecto da coisa pensante. Dizemos então, que estes existiram desde toda a eternidade e permanecerão imutáveis por toda a eternidade: uma obra tão grande quanto convinha à grandeza do artífice”. Cf. KVI/9/1.

³⁸ “[...] por natureza Naturante, devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus, enquanto é considerado causa livre. Por natureza naturada, por sua vez, compreendo tudo que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e u, sem Deus, não pode existir nem ser concebida”. Cf. E2P29S.

³⁹ “[...] Podemos assim explicar a realidade absoluta como o processo imanente da causa de si, tal como está pela diversidade absoluta infinita de atributos, cuja potência de existir ela constitui. [...]”. Cf. RIZK, H. *Compreender Spinoza*, 2010, p.49.

⁴⁰ “[...] Digo absolutamente infinito e não infinito em seu gênero, pois podemos negar infinitos atributos àquilo que é apenas infinito em seu gênero, mas pertence à essência do que é absolutamente infinito tudo aquilo que exprime uma essência e não envolve qualquer negação.” Cf. E1Def6.

⁴¹ “ Mas podemos entender clara e distintamente que a existência pertence à natureza de Deus. “ Cf. KVI/1/1.

⁴² Importa ressaltar que dos infinitos atributos de Deus só temos conhecimento do atributo do pensamento e do atributo extensão. “ Os atributos não são maneiras de ver do entendimento, visto que o entendimento espinozista só percebe o que é; tampouco se trata de emanações, pois não existe nenhuma superioridade, nenhuma eminência da substância em relação aos atributos, nem de um atributo em relação ao outro. [...] O atributo expressivo relaciona a essência à substância e é essa relação imanente que o entendimento capta. Todas as essências, distintas nos atributos, formam uma unidade na substância a que os atributos as referem”. Cf. DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia Prática*, 2002, p. 58.

necessariamente”⁴³. Segundo o pensador Gilles Deleuze (2002, p. 70), “a univocidade dos atributos é o único meio de distinguir radicalmente a essência e a existência da substância e a dos modos, conservando-se ao mesmo tempo a unidade absoluta do Ser.”

Spinoza esclarece seu monismo absoluto ao expor a Proposição 5 da Parte I de sua *Ética*. Ou seja, da impossibilidade de haver duas ou mais substâncias da mesma natureza e com os mesmos atributos. Ora, na proposição E1P1, Spinoza adverte-nos que “uma substância é, por natureza, primeira, relativamente às suas afecções”. Logo a substância⁴⁴ Deus, cuja “essência envolve a existência”, “existe em si mesma,” não necessitando ser concebida por outra coisa. Essa substância também não pode ser produzida por outra substância⁴⁵, pois segundo Spinoza ela é causa de si (*causa sui*⁴⁶). Assim, Deus não necessita de nenhuma causa para existir. Ele existe *per se*. Segundo o pensamento de Chauí (1999, p.788), “causa *sui* afirma que o absoluto é o ser como ação de existir que se propaga por ondas contínuas a todos os seres singulares, seus efeitos. [...]”. Em relação a substância, Manfredo Oliveira (2014, p.68), cita que:

[...], substância é essencialmente poder (*potentia*) de autoafirmação na existência (potência de existir) e autoconservação, o que revela que o sentido do ser, para ele, é em última instância poder enquanto força substantiva de constituição e conservação do ser, afirmação de si mesmo, [...].

4. DEUS SIVE NATURA

Ao citar na Definição 1 da Parte I, “por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência⁴⁷, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente”. Ora, Spinoza expõe que nada pode ser concebido sem Deus, ou seja, tudo que existe, necessariamente existe em Deus e envolve tanto sua essência

⁴³ “Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente”. Cf. E1P11.

⁴⁴ “*Cohaerentia, accomodare, consentire certa ratione*: estrutura absolutamente infinita cuja ação é a coerência, a substância é a potência infinita cuja ação é a coerência dos seres co-presentes que consentem uns aos outros em relações auto-reguladas que são sua própria existência. A substância é *ratio essendi, ratio existendi* e *ratio cognoscendi* de seus modos, unidade do ser e da ideia e nexos contínuo infinito de causas. Ordem inteligível de co-presença, a Natureza é ação necessária, e o todo da Natureza, coerência e consentimento regulado de essências e existências singulares que são ações. [...]” Cf. CHAUI, M. A *nervura do Real*, 1999, p.734.

⁴⁵ “Uma substância não pode ser produzida por outra substância”. Cf. E1P6.

⁴⁶ “Com a definição da *causa sui*, reúnem-se essência, existência, natureza, ideia e definição perfeita. [...]” Cf. CHAUI, M. A *nervura do Real*, 1999, p.788.

⁴⁷ “[...] A existência é, pois, “verdade eterna”, do mesmo modo que a própria essência é eterna, e não se distingue dela senão por uma distinção de razão”. Cf. DELEUZE, G. *Espinoza: Filosofia Prática*, 2002, p. 79.

quanto sua existência. Sendo Deus, portanto, causa primeira e eficiente de todas as coisas. Cita Spinoza, “digo pertencer à essência de uma certa coisa aquilo que, se dado, a coisa é necessariamente posta e que, se retirado, a coisas é necessariamente retirada; [...]”. (E2Def2). Dessa maneira, retirada a essência que envolve a existência do ser, este ser deixa de existir. Assim, Spinoza afirma a essência absoluta do *Ens* absolutamente infinito, pois sua essência⁴⁸ envolve a existência de tudo. Ora, Deus está em todas as coisas existentes. Deus, é, pois, causa de si, portanto, também causa livre não necessitando ser causado por nada além de si mesmo. Conforme o pensamento de Emanuel Fragoso sobre substância única, cita que:

O percurso spinozista de comprovação da substância como única, infinita, causa sui, eterna e composta de infinitos atributos (ou seja, Deus), inicia-se com a consideração do pluralismo substancial, isto é, Spinoza aceita como hipótese provável a existência de duas ou mais substâncias; deste pluralismo, sua análise evolui até o monismo substancial, pela própria necessidade das premissas anteriormente postas pelo sistema spinozista. (Fragoso, 2004, p.15).

Para o pensador holandês, só existe uma única *substância*, sendo esta, *causa sui* e primeira de todas as coisas. Dessa *substância*, todas as coisas que existem, existem através das modificações das afecções dessa *substância* que são produzidas pelos infinitos atributos de Deus que manifestam a sua essência eterna e infinita. Segundo Spinoza, “por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo, e por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado”. (E1DeF3). Nesta proposição, o polidor de lentes apresenta-nos que a substância *Deus sive natura* necessariamente envolve a existência de tudo que existe, isso porque é a *substância* primeira, infinita e única que produz necessariamente tudo que existe, *substância* que produz conforme às leis de sua natureza, que é causa primeira não tendo como causa outra coisa senão ela própria. Segundo Fragoso (2004, p.15), “[...] deste monismo substancial Spinoza evolui até o monismo absoluto, isto é, da consideração da existência de uma única substância na natureza (monismo) e não duas ou mais (pluralismo), [...]”. Ora, para o pensador holandês, a substância é *causa sui*. Spinoza conclui que “não podem existir na natureza das coisas duas ou mais

⁴⁸ “[...] Entre a essência e a Existência, existe apenas uma distinção de razão, na medida em que se distinguem a coisa afirmada e a sua própria afirmação”. Cf. DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia Prática*, 2002, p. 81.

substâncias da mesma natureza ou de mesmo atributo⁴⁹”. (E1P5). Ora, isso iria contra as leis de Deus que são eternas e imutáveis, pois só existe uma única substância: *Deus sive Natura*.

Spinoza explicita na segunda definição da Parte 2 da *Ética* “Diz-se finita em seu gênero aquela coisa que pode ser limitada por outra da mesma natureza”. E conclui que “diz-se que um corpo é finito porque sempre concebemos um outro maior. Da mesma maneira, um pensamento é limitado por outro pensamento. Mas um corpo não é limitado por um pensamento, nem um pensamento por um corpo”. (E1Def2). Ora, de um homem e de uma mulher podem ser gerados outros indivíduos, entretanto, é necessária que a substância primeira: Deus, envolva sua essência sobre a existência desses indivíduos. Isso porque a essência da substância Deus é a causa primeira da existência desse indivíduo. Portanto, o homem não pode ser *causa sui* ou primeira dessa essência que o envolve, ou seja, o homem não pode ser autocausado. Quando Spinoza explica que uma mente não pode ser limitada por um corpo ou vice-versa, ele mostra uma pluralidade simultânea que existe entre ambos, ou seja, entre o corpo e a mente. Importa saber que são atributos distintos, ou seja, o atributo da mente (*mens*) e o atributo de extensão (*extense*): o corpo. Conforme explicado anteriormente.

O filósofo holandês também cita que, “por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido”. (E1Def5). Dadas as proposições acima citadas, segundo Spinoza, só nos foram concedidos dois dos infinitos atributos de Deus, portanto, somos modos finitos⁵⁰ e determinados de Deus no qual nele exprimimos sua essência eterna e infinita. Ora, não existe nada que não exprima a essência de Deus porque Deus está em todas as coisas e nelas se manifestam sua essência absolutamente infinita. “A essência do homem não envolve a existência necessária, isto é, segundo a ordem da natureza tanto pode ocorrer que este ou aquele homem exista ou não exista”. (E2Ax1). Isso porque, para Spinoza são dos infinitos atributos de Deus que se exprimem a essência eterna e infinita Deus e, portanto, sendo-lhes retirada essa essência o homem por sua vez deixa de existir.

A expressão utilizada por Spinoza *Deus sive natura*, enfatiza a infinita potência de Deus, ou seja, que não existe outra potência maior, mas apenas a potência de Deus

⁴⁹ “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência.” Cf. E1Def4.

⁵⁰ “Como, na verdade, ser finito, é parcialmente uma negação [...]”. Cf. E1P8S.

que produz necessariamente. Isso porque, conforme citado anteriormente, “[...] só Deus é causa livre, pois só Deus existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e age exclusivamente pela necessidade de sua natureza, [...]”. (E1P17C2). Ou seja, é a própria causa de si e das coisas que existem. Segundo Spinoza, só “Deus é causa eficiente não apenas da existência das coisas, mas também de sua essência”. (E1P25). E explicita em sua *Ética* sobre Deus, que sua “potência e essência são a mesma coisa⁵¹”. Segundo Carlos Gomes (2017, p.12):

A *Ética* é uma obra que tem como principal objetivo traçar o fundamento ontológico do infinito (Deus) ao fundamento ontológico do finito (Homem). Ao apresentar o sistema ontológico Substância, Atributo e Modo para expressar o todo, Spinoza elabora uma filosofia da imanência.

5. A CLAREZA DAS IDEIAS

Spinoza cita em sua *Ética* que “a ideia é um conceito da mente⁵² que a mente forma porque é uma coisa pensante”. (E2Def3). A ação principal da mente é pensar⁵³ ideias. Entretanto, para Spinoza, somente as ideias adequadas⁵⁴ são capazes de fazer com que os indivíduos sejam livres, pois estão certos de sua autonomia. Para tanto, é necessário que a luz da razão nos conduza ao conhecimento verdadeiro das causas das coisas para que assim possamos alcançar nossas virtudes⁵⁵. Sua filosofia ressalta a importância do verdadeiro conhecimento para conduzir o indivíduo a um caminho reto e seguro que o distancie da falsidade⁵⁶ e da servidão⁵⁷. Logo, o homem livre é aquele que vive exclusivamente segundo os ditames da razão⁵⁸. Segundo Spinoza, “[...] nossa

⁵¹ “A potência de Deus é a sua própria essência.”. Cf. E1P34.

⁵² “ Quando observamos com atenção o que é a mente, e de onde nascem suas mudanças e duração, veremos facilmente se é mortal ou imortal. Dissemos que a mente é uma ideia que está na coisa pensante e que nasce da existência de uma coisa que está na Natureza. Daí segue que a mudança e a duração da mente devem ser conformes à mudança e à duração da coisa. Ademais, podemos observar que a mente pode estar unida ao corpo do qual é a ideia, ou a Deus, sem o qual não pode existir nem ser entendida”. Cf. KVII/23/1.

⁵³ “O pensamento é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa pensante”. Cf. E2P1.

⁵⁴ “ Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira” Cf. E2Def4.

⁵⁵ “Por virtude e potência compreendo a mesma coisa.” Cf. E4Def8.

⁵⁶ “A falsidade consiste apenas na privação de conhecimento que as ideias inadequadas envolvem [...]” Cf. E4P1.

⁵⁷ “Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos.” Cf. E4Pref.

⁵⁸ O homem livre, isto é, aquele que vive exclusivamente pelo ditame da razão, não se conduz pelo medo da morte; em vez disso deseja diretamente o bem, isto é, deseja agir, viver, conservar seu ser com base na busca da própria utilidade. Por isso não há nada em que pense, menos que na morte; sua sabedoria consiste, em vez disso, na meditação da vida. Cf. E4P67D.

mente, enquanto percebe as coisas verdadeiramente, é uma parte do intelecto de Deus”. (E2P43S). Sendo assim, conhecer a verdade das causas é verdadeiramente ser livre.

Voltemos agora ao *Tratado Teológico-Político*. Nele, Spinoza tece críticas à filosofia dogmática escolástica e aos teólogos tradicionais cristãos⁵⁹ que fundamentaram seus pensamentos a partir do aristotelismo, relacionando-os com efervescentes discursões políticas e religiosas de sua época. Ora, o pensador enfatiza a necessidade da separação entre a *Igreja Romana* e o Estado. Em seu *Tratado*, o pensador holandês apresenta o método⁶⁰ histórico e crítico para compreensão e interpretação das Escrituras, ou seja, da importância do conhecimento das leis imutáveis de Deus para que pudéssemos compreender a verdadeira causa das coisas. Na verdade, tratam-se de conceitos sobre Deus que se mostravam distantes dos conceitos do pensamento que os “cristãos-novos” haviam se acostumado a defender. Em uma correspondência enviada ao diplomata e filósofo Henry Oldenburg no ano de 1675, Spinoza declara crer “que Deus é, de todas as coisas causa imanente como se diz, e não causa transitiva. [...], que todas as coisas estão e se movem em Deus, [...]”. (Ep73).

Sendo assim, a publicação da *Ética* de Spinoza verdadeiramente abalaria as estruturas do pensamento religioso cristão, uma vez que durante séculos proclama Deus como transcendente, havendo, portanto, separação entre Deus e o homem. Ora, para Spinoza não existe tal separação, pois estamos em Deus⁶¹. Por isso, tanto no *Breve Tratado* como na *Ética*, Spinoza apresenta *Deus sive Natura* como substância⁶², causa primeira e eficiente, substância indivisível, causa livre e necessária, *causa sui* e de todas

⁵⁹ Em uma correspondência de 1675 destinada a Albert Burgh, um dos homens mais influentes de Amsterdã que se converteu à Igreja Romana e a ordem dos franciscanos, Spinoza manifesta esclarecimentos concernentes a acusação de que estaria proferindo heresias ao defender sua filosofia e de que estaria sendo enganado pelo “Príncipe dos espíritos malvados”. Ora, Spinoza repreende-o persuasivamente seu acusador ressaltando que este deve “reconhecer que a santidade da vida não pertence em particular à Igreja Romana, mas é comum a todos.” [...] (Ep76).

⁶⁰ “[...] Muito resumidamente, o método de interpretar a Escritura não difere do método de interpretar a natureza; concorda até inteiramente com ele. Na realidade, assim como o método para interpretar a natureza consiste essencialmente em descrever a história da mesma natureza e concluir daí, como dados certos, as definições das coisas naturais, também para interpretar a Escritura, é necessário elaborar a sua história autêntica e, depois, concluir daí, como se fossem dados e princípios certos, o pensamento dos seus autores como legítima consequência. [...]” Cf. TTP7/3.

⁶¹ “[...] Afirmando, digo eu, com Paulo, e talvez com todos os filósofos antigos, ainda que de outra maneira, que todas as coisas estão e se movem em Deus, ousa mesmo acrescentar que tal foi o pensamento de todos os antigos hebreus, na medida em que pode conjectura-lo segundo algumas tradições, malgrado as alterações que sofreram. [...]” (Ep73).

⁶² “Substância é, assim, antes de tudo um ser que existe em si, e muito além da tradição, isso significa dizer que a substância é o ser que é causa de si mesmo, e igualmente causa imanente necessária e não transcendente de todas as coisas, pela atuação necessária de sua potência.” Cf. OLIVEIRA, M. A. *Ontologia em debate no pensamento contemporâneo*, 2014, p.69.

as coisas, onde todos os demais acontecimentos são manifestações de Deus causadas pelas leis de sua natureza que são eternas e imutáveis, portanto, leis divinas⁶³. Assim, dava-se início à filosofia racionalista de Benedictus de Spinoza fundamentada na imanência de Deus, ou seja, em seu monismo absoluto, pois tudo está em Deus.

Spinoza esclarece-nos através de sua preciosa filosofia que precisamos compreender que Deus é causa livre, necessária e absolutamente infinita e eterna; já o indivíduo é um modo finito e determinado, posto que, existimos e operamos de maneira definida e determinada⁶⁴. Sendo assim, o pensamento reflexivo⁶⁵ é algo necessário para o conhecimento⁶⁶ das verdadeiras causas das coisas. Compreender as leis de Deus, portanto, nos ajuda a compreendermos as ideias de nosso pensamento. Ora, para Spinoza, “o pensamento é um atributo de Deus”. (E2P20). Assim, “toda ideia, que é, em nós, absoluta, ou seja, adequada e perfeita é verdadeira⁶⁷”. (E2P34). Segundo Spinoza, Deus constitui a essência de nossa mente e a ideia que é em nós absoluta é também adequada e perfeita em Deus. Isso porque “a mente é tanto mais capaz de perceber mais coisas adequadamente quanto mais propriedades em comum com outros corpos tem o seu corpo”. (E2P39C). Segundo Gomes (2020, p. 22):

[...] a ideia verdadeira deve existir, antes de tudo, em nós, como instrumento inato apresentando-se, objetivamente, do mesmo modo que se apresenta o seu ideado; é uma ideia que basta a si mesma, pois não tem necessidade da confirmação pela concordância com um objeto exterior. Todavia, não basta que as ideias sejam claras e distintas, é necessário que façam parte da infinita cadeia de Deus.

Como explicitado anteriormente, para o pensador, os homens enganam-se ao julgarem-se livres, uma vez que são modos finitos determinados produzidos pelos infinitos atributos de Deus. Portanto, os homens, não são causa de si. Esses

⁶³ “[...] todas as leis que não podem ser transgredidas são leis divinas. Razão: porque tudo quanto ocorre não é contra, mas conforme seu próprio decreto. Todas as leis que podem ser transgredidas são leis humanas. Razão: porque tudo que os homens decidem para o seu bem-estar, não segue que seja também para o bem-estar da Natureza inteira, mas, ao contrário, pode ser para a destruição de muitas outras coisas”. Cf. KVII/24/5.

⁶⁴ Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por si só é determinada a agir. E diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada.” Cf. E1Def7.

⁶⁵ Segundo o pensamento filosófico de Spinoza, no *Tratado da emenda do intelecto* (obra inacabada), o método para conhecer a ideia verdadeira é “distinguir e separar a ideia verdadeira das demais percepções e coibir a mente para que não confunda com as falsas, fictícias e dúbias; [...]”. Cf. TIE/50.

⁶⁶ Spinoza também escreverá no *Breve Tratado* e em sua *Ética* os caminhos necessários para alcançarmos o verdadeiro conhecimento para compreendermos as verdadeiras causas das coisas. Ou seja, explicando o que são os gêneros de conhecimento bem como suas distinções.

⁶⁷ “[...] ter uma ideia verdadeira não significa nada outro que conhecer uma coisa perfeitamente, ou seja, da melhor maneira;” Cf. E2P43S.

esclarecimentos apresentam a visão ontológica da imanência de Deus que Spinoza expõe em sua *Ética*. Spinoza adverte-nos sobre a necessidade de “moderar os afetos⁶⁸”. Entretanto, sobre a questão dos afetos, explicitaremos em um próximo artigo. Porém, ao observarmos a necessidade de apontar alguns esclarecimentos, assim o fizemos citando algumas referências objetivando pontuais explicações. Ora, o pensamento de Spinoza tem sido um precioso instrumento de estudo, pois nos ajuda a conhecer e compreender os acontecimentos históricos, políticos, econômicos, sociais, etc., mas, principalmente seu pensamento filosófico, pois nos proporciona grandes reflexões e ensinamentos até os dias de hoje.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fez-se necessário para a compreensão do que é o monismo absoluto em Spinoza, construir os alicerces aqui expostos para a fundamentação de nossa explicitação. Segundo Spinoza, “o esforço por se conservar é o primeiro e único fundamento da virtude. [...]” (E3P22C). Ora, a virtude é, pois, conhecimento a partir de ideias e ações adequadas. Entretanto, segundo o filósofo, “a potência da mente é definida, entretanto, exclusivamente pelo conhecimento, [...]”. (E5P21S). Spinoza nos convida à refletirmos sobre o conhecimento verdadeiro, que se dá através das ideias adequadas. Podemos concluir que é a partir da concatenação de ideias e da ordem do pensamento onde a clareza e a distinção são os alicerces fundamentais para observarmos o quanto poderá suportar o edifício de ideias de Spinoza.

Portanto, é imprescindível conhecer as leis da natureza de Deus para então compreendê-las, ou seja, para que se possa alcançar o conhecimento verdadeiro de Deus assim como das verdadeiras causas das coisas. É necessário reflexão, esforço e autonomia para o exercício dessas virtudes. Ora, a *Ética* de Spinoza apresenta uma ética do cuidado de si, pois nos traz à luz de nosso pensamento o conhecimento de Deus e de como refletir sobre as verdadeiras causas das coisas. A filosofia de Spinoza não é, pois, uma *Ética* deontológica, mas uma *Ética* das virtudes, ou seja, dos pressupostos necessários para reflexão e autonomia do pensamento dos indivíduos. Cujas salvação,

⁶⁸ Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Cf. E3Def3.

beatitude ou liberdade, segundo o filósofo da alegria, “encontra-se no amor constante e eterno para com Deus, ou seja, no amor de Deus para com os homens”. (E5P33S).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Miriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo, Moderna, 2016.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo. Editora Unesp, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *A nervura do Real - Imanência e Liberdade em Espinosa*.v.1(imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia Prática*. Tradução de Daniel e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2012.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado Teológico-Político*. 3ª ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Departamento Editorial da INCM. Out. 2004.

ESPINOSA, Baruch de. *Breve Tratado*. Tradução e Notas: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção FILÔ/Espinosa).

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. A Definição de Deus na Ética de Benedictus de Spinoza. *Kalagatos – Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará- UECE- v.1, n,1*. Fortaleza: EDUECE, 2004.

GOMES, Carlos Wagner Benevides. *Por uma educação mais potente: um esforço ético-afetivo em Spinoza*. 2020. TCC (Graduação em Filosofia). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2020, p. 69

GOMES, Carlos Wagner Benevides. *Potência e liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza*. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e arte, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza, 2017, p.110.

LENOIR, Frédéric. *O milagre Espinosa: Uma filosofia para iluminar nossa vida*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula. Petrópolis: RJ, Vozes, 2019.

HOBBES, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Col. Os Pensadores).

MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo I. (A-D). Ed. Marcos Marcionílio. Trad. Maria Stela Gonçalves; Adail Sobral; Marcos Bagno; Nicolás Nyimi Campanário. Rev. Renato da Rocha Carlos. Edições Loyola. Ipiranga. São Paulo-SP. 2001.

OLIVEIRA, M. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção filosofia).

RIZK, Hadi. *Compreender Spinoza*. Tradução: Jaime, A Clausen. Petrópolis- RJ: Vozes, 2006.

SPINOZA, B. *Ética*. Edição bilíngue Latim- Português. Tradução e notas de Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SPINOZA, B. *Obra completa II: Correspondência Completa e vida*. Tradução e notas de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. *Tratado da Emenda do Intelecto*. Edição em latim e português. Tradução e nota introdutória de Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.